



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Performances esportivas: o poder da mente

Autoria: Cilene Lima de Oliveira (UFF)

Neste work, que se constitui de um ensaio para um capítulo em construção da minha tese de doutorado, tratarei da relação entre limites corporais e a dicotomia mente x corpo, em ultramaratonas (provas de corridas pedestres com distâncias acima dos 42km295m da maratona). Contudo, farei uma longa explanação sobre um tema que já venho trabalhando há algum tempo, que é o da performance. Na minha dissertação, me dediquei a construir um conceito que chamei de performatividades esportivas, me baseando em Butler (2002, 2006) e em John Austin (1962), linguista. Para tanto, precisei observar atentamente a diferença entre performance para os estudos das ciências sociais e performance para os estudos da Educação Física. Aqui irei um pouco mais adiante e acrescentarei uma discussão maior sobre performance no meio artístico. Embora tenha feito um pouco disso quando falei de performance na dissertação, utilizando o conceito de Richard Schechner (2002), teatrólogo, aqui aprofundarei o tema me fazendo valer especificamente de performances artísticas que dialoguem com os extremos e com a loucura (categoria êmica que surge no meu work de campo do doutorado), como abordagem, por exemplo, de Nise da Silveira. Isto justifico porque, ao observar melhor os estudos da performance, me dei conta de que a abordagem sobre loucura a que me proponho aqui, está intimamente ligada ao usos da arte como forma de explicitar não apenas a norma e a ?curva fora da norma?, mas também os extremos, como explora da artista Marina Abramovick. Este exercício me parece



interessante, uma vez que, ao conversar com certa pessoa sobre o andamento da tese, ela me lançou a pergunta: "Mas pode um atleta ser louco?". E esta pergunta ficou no ar enquanto conversávamos sobre outros temas. Assim, tentarei elucidar como a arte nos ajuda pensar a performance e também o contrário, e como isso pode nos ajudar a refletir sobre as performatividades esportivas dos atletas. De outra maneira me deterei aqui também sobre o que chamam de "poder da mente", que me parece ser um gancho que incita a reflexão dos riscos e extremos dentro das performances exploradas pelos atletas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: